

UMA CRÍTICA À LINGUAGEM HEREDITÁRIA DO PERÍODO COLONIAL NO BRASIL E A POSSIBILIDADE DE UMA LINGUAGEM ALTERNATIVA

Une critique du langage hérité de la période coloniale au Brésil et la possibilité d'un langage alternatif

Igor Carvalho da Silva¹

RESUMO

Este artigo procura analisar as implicações da linguagem filosófica tradicional herdada por nós, transmitida no Novo Mundo pelos colonizadores portugueses, que permanece vigente na academia e reproduzida no ensino médio de modo tecnicista. Visa-se compreender, por meio de uma leitura crítica das implicações históricas brasileiras no início do período colonial, os aspectos dessa perspectiva no que tange à formação e permanência da tradição filosófica. Para essa investigação, será utilizado o pensamento antidogmático do filósofo Friedrich Nietzsche sobre a linguagem de uma filosofia herdada como absoluta, sendo tal objeto de crítica delineada na contemporaneidade pelo conceito do modo de pensar que calcula apresentado por Martin Heidegger usado como instrumento de crítica e utilizar o pensamento que reflete como guia para proporcionar uma linguagem alternativa. Nosso ponto de partida, fruto da observação do cotidiano em sala de aula, é a linguagem dos alunos em relação àquilo que os cerca, corroborando, junto ao que foi exposto na obra *Pedagogia do oprimido* de Paulo Freire, tornando os conteúdos da disciplina mais íntima da realidade social dos estudantes.

Palavras-chave: Linguagem; colonização; cotidiano; Filosofia tradicional; Heidegger; Nietzsche.

RÉSUMÉ

Cet article vise à analyser les implications de la langue philosophique traditionnelle héritée du colonialisme portugais dans le Nouveau Monde, qui persiste dans les milieux académiques et est reproduite de manière techniciste dans l'enseignement secondaire. Nous cherchons à comprendre, à travers une lecture critique des implications historiques brésiliennes au début de la période coloniale, les aspects de cette perspective concernant la formation et la persistance de la tradition philosophique. Pour cette étude, nous utiliserons la pensée antidogmatique du philosophe Friedrich Nietzsche sur la langue d'une philosophie héritée comme absolue, critiquée dans la contemporanéité par le concept du "mode de pensée calculateur" de Martin Heidegger. Notre point de départ, issu de l'observation quotidienne en classe, est la langue des étudiants face à leur environnement,

¹ Graduado em Licenciatura Plena em Filosofia pela UFPI e bolsista do PET Filosofia UFPI. E-mail: abiru.19@gmail.com



corroborant les idées exposées dans "Pédagogie des opprimés" de Paulo Freire, rendant les contenus de la discipline plus proches de la réalité sociale des étudiants.

Mots-clés: Langue; colonialism; quotidien; Philosophie traditionnelle; Heidegger; Nietzsche.

INTRODUÇÃO

Ao investigar uma identidade filosófica de caráter nacional, nos deparamos com a herança filosófica europeia, com seu arcabouço dogmático que funcional como manual cultivado no meio acadêmico e capilarizado e disseminado no campo educacional do ensino filosófico já bem enraizadas. Tal manual marca o tom de receita correta de fazer filosofia, e, ao não seguir e cumprir seus critérios categóricos, o/a docente estaria fora do resultado esperado, que define (engloba) o trabalho como correto. Notamos com essa visão uma filosofia carregada de uma certa metodologia que se faz de pré-requisito para poder filosofar, tendo como plateia dos discursos o brasileiro que observa esse dizer da “realidade” com estranheza por falta de compreensão daquilo que deveria alcançá-lo por ser ele mesmo o objeto do discurso.

Para tal trabalho de caráter hercúleo ser de fato bem efetivado, será observado o que poderíamos apontar como um caminho para um modo de pensar legitimamente brasileiro datado antes da colonização documentada com a assinatura europeia e seu molde sobre o modo de pensar dos indígenas. Portanto, para o bom delineamento, os eventos históricos pedagógicos no início do período colonial cujas consequências tornam-se contemporâneas, serão colocados sob atenção a domesticação do modo de ser e pensar dos povos aqui encontrados, regido pelos interesses de viés político-econômico-religioso. Sendo regentes das ações da coroa portuguesa em filiação com a cobiça do papado, com mãos de ferro plasmaram a subjetividade dos povos residentes na região “descoberta”.

Sendo analisado a crítica antidogmática de Friedrich Nietzsche encontrada na obra *Além do bem e do mal* (2017), na qual o filósofo expõe ideias que nos auxiliam a ampliar a reflexão acerca do dogmatismo religioso cristão sobre a religiosidade dos indígenas, bem como a dominação autoritária dos europeus sobre os nativos, apontando como uma domesticação do espírito/pensamento livre para um colonizado “castrado”. Frente a essa condição epistemológica submissa, observamos uma possibilidade de desvencilhamento dos moldes europeus que nos mantem aos pés dos nossos colonizadores/domesticadores,



que cortaram o modo de ser e pensar, e desse modo, assinatura da subjetividade do país na época.

Tal modo de pensar alternativo se daria a partir da observação da vivência dos alunos do Ensino Médio, momento de primeiro contato com a disciplina de Filosofia. Seria esse momento em que o estudante estaria em contato com esses dois mundos, o mundo dos discursos das ideias filosóficas já há muito estabelecidos sob alicerces metafísicos, e um racionalismo metodológico, e o outro mundo o cotidiano, onde se encontra conhecimentos empíricos que servem de bases para construção de um modo de filosofar, que desde Platão foi desacreditado por ser julgada como não confiável, enganosa e outras qualidades que desvaloriza essa forma de pensar. Com esse caminho alternativo observasse um horizonte de modos de filosofar por meio da linguagem utilizada para discutir filosofia dentro de um ambiente de experiências, que servindo a educação nutrida pela vivência dos alunos do ensino médio e a realidade que os permeiam relacionando com a filosofia há existente a tornado mais próxima e compreensível. Neste ponto do texto, para apoiar a validade dessa ação, utilizamos as ideias contidas em *Pedagogia do oprimido* (2005) de Paulo Freire, acentuando como a linguagem da comunidade, da proximidade com a cultura regional, do cotidiano, e não em uma cultura e linguagem estrangeira, afastada, possibilitaria a potencialidade para desenvolver uma filosofia brasileira.

OS OBSTÁCULOS PARA A POSSIBILIDADE DE UMA FILOSOFIA COM SOTAQUE BRASILEIRO

Ao nos inclinarmos para conhecer os conteúdos dos textos filosóficos encontramos um notório “Olimpo” onde estão catalogadas tais obras canonizadas pelo corpo de estudiosos. Armado a partir de uma arquitetura imaleável de caminhos determinados erguido pelos autores de pensamento sem preocupações com o público em geral, é o arcabouço que dá forma a tal edifício, construído há mais de dois milênios, e que permanece a reforçar suas grossas paredes, que não permitem escapar para fora delas algum modo de saber desgostável, algo comum nas acadêmicas, permanecendo os conhecimentos apenas nos círculos de autores que reafirmam esse edifício, por meio de trabalhos sobre os métodos deixados nos escritos bem guardados por meio da linguagem e a gramática. É justo acusar



a localização metafórica desses escritos em um “Olimpo”, pois no topo desse monte as regras do filosofar, que são mediadas pelos acadêmicos que deliberam o que é correto e aceitável e o que não é, possibilita o que poderia se juntar às obras de metodologia de um modo dogmático que muito bem molda a forma do filosofar. Escritos, escritos e mais escritos preenchem os meios de publicações filosóficas que comungam com algo em comum: a razão pura, as conclusões dogmáticas dedutivas, o vocabulário com floreios, o Santo Graal² da metafísica tradicional e a falta de preocupação com o público comum compreendido como fora das paredes da Academia, Liceu, Cátedras ou universidades³.

Para tal seletividade dessa casta intelectual, a história filosófica foi erguida sobre uma sofisticada constituição gramatical ao transmitir os pensamentos, que dentro da sua linguagem de comunicação apresenta conceitos completos e articulados entre se, que não iria ao encontro do sujeito não acadêmico, mas que este, por meio de esforço intelectual igualmente dos autores das obras filosóficas canônicas, encontrasse o caminho árduo e de difícil mastigação e digestão pesada ao significado filosófico dito sobre uma linguagem literária subjacente e nas obras dada pela herança crônica firmada nos ambientes acadêmicos onde tais conteúdos são trabalhados e divulgados. Aqui, inclinamos nossos rostos para baixo como os epicuristas, criticados pelo pai do mundo ideal, para observar como o mundo que nos cerca nos oferece matéria para filosofar, mas que é negligenciada em prol de um mundo ideal, lógico e metafísico de camadas exigente de tempo para compreendê-las e que no fim do percurso encontrasse uma crítica ao mundo concreto e um louvor ao estudado. E justamente, em primeiro momento, notamos na escrita filosófica estabelecida e cultivada nos meios intelectuais como algo que reverencia a racionalidade dos ídolos que a utilizava para alcançar a Verdade pronta e acabadas, ponto da crítica de Nietzsche em sua obra *Crepúsculo dos ídolos* (2023) na qual o filósofo alemão se encarregou em criticar à filosofia tradicional que buscava uma verdade absoluta, e escarneia os dados empíricos do mundo sensível das experiências do corpo.

Esse modo de conhecer é colocado como fraco, enganoso, esquecido, rejeitado, é o

² Ao colocar tal metáfora proponho que a metafísica tradicional ocidental busca o universal e o necessário, fazendo cortes em no mundo real para alcançar tal forma, ponto esse feito na crítica de Martin Heidegger sobre a historicidade do engano na procura do Ser e o esquecimento no mundo *Dasein*.

³ Desde os fundamentos da filosofia, falo da Grécia antiga, o ensino da filosofia foi cercado de métodos e instituições que se seguiu nos séculos desde a idade média, na modernidade e que persiste na contemporaneidade. Apontando como atípica a escola epicurista (O jardim) onde o método era relacionado com o mundo que o indivíduo vivenciava e as condições do humano, desejos do corpo, e como tal pensamento filosófico se encontrava com o público.



que absorve os dados desse mundo que recebe tais adjetivos de homens como Platão e seu Mundo das Ideias imutais e perfeitas, Descartes e suas Críticas às Experiências Empíricas da confiabilidade dos sentidos enganosa adquirida no mundo, Paulo de Tarso e seu ódio ao corpo, entre outros exemplos que desconsidera o corpo e as informações acumuladas por ele a partir do mundo que o cerca:

Tudo a esse respeito se encontra no prefácio de *Gaia ciência*, escrito por um Nietzsche que sabe do que fala, logo ele, que só conhecia enxaquecas, oftalmias, náuseas, vômitos e outras coleções de doenças diversas. Ele lança as bases de uma leitura filosófica digna desse nome ao afirmar que toda filosofia se reduz à confissão de um corpo, à autobiografia de um ser que sofre. O pensamento procede, portanto, da interação entre uma carne subjetiva que diz eu e o mundo que a contém. Ele não desce do céu, à maneira do Espírito Santo pondo línguas de fogo sobre os eleitos, mas sobe do corpo, surge da carne e provém das entranhas. (Onfray, 2010, p. 15).

Tais figuras históricas de aclamadores do outro mundo rejeitaram o corpo e sua sabedoria, definindo-o como uma máquina (Descartes) ou como um túmulo (Platão), ou um impedimento de alcançar o mundo verdadeiro (Platão e Paulo) que deram descredito a essas sabedorias do corpo e mundo cotidiano, ignorando as vísceras que falam com o mundo, com o cotidiano, para cumprir esse modo fixo a filosofia colocou ídolos da filosofia tradicional em condomínio/altares seletivo para impedir aqueles que não seguem o manual filosófico da tradição com sua dupla dificuldade de ser acessada, pela academicidade a língua ao transmitir o conteúdo e por seus conceitos profundos e labiríntico que formam, e se eles não seria possível compreender, o corpo filosófico construído por determinado filósofo da tradição.

Tal corpo que está no mundo é íntimo do sujeito por experiências dos anseios que brotam da carne, como já foi mencionado pelo epicurismo, a vivência nesse mundo produz acúmulo de conhecimentos, que a partir deles poderia plasmar reflexões filosóficas. Porém, é o corpo que está no mundo, íntimo do sujeito, por experiências dos anseios que brotam da carne, como já foi mencionado pelo epicurismo, que pelas vivências nesse mundo produz acúmulo de conhecimentos, que a partir deles poderia plasmar reflexões filosóficas.

Observando-se essa possibilidade, poder-se-ia notar que cada relação com o mundo e o corpo desenvolveria um modo particular de filosofar. Assim, é notória uma ausência e necessidade de um modo de filosofar brasileiro, com seus traços étnicos, culturais e como



o sujeito se relaciona afetivamente de acordo com os valores culturais de cada comunidade e como tais desenvolve alguma moral, entendida moral aqui no sentido nietzschiana como sendo uma perspectiva que criou certos valores em determinado tempo e lugar, mas que tenha os traços forjados pela realidade desse território, pois o mundo, o país, oferece para o corpo experiências de caráter subjetivo por sua constituição própria.

É a partir desse reconhecimento da possibilidade de uma assinatura brasileira, que discute seus problemas de forma alcançada por aqueles interessados a dialogar que mesmo sem leituras de volumes imensos de determinado conceito, mas que possua bases que a tradição filosófica nos deixou para expressar seus pensamentos sobre aquilo que o cerca, que poderíamos propor uma discussão sobre como tal prática voltada para o cotidiano poderia alcançar os alunos, em particular do ensino médio, ao usar as relações deles para com o mundo como baliza, não deixando como único caminho, por ser o mais percorrido, uma metafísica ou um racionalismo metodológico exterior à realidade deles, um pensamento imaginativo da existência dos brasileiros construída por um ou dois indivíduos dentro dos gabinetes sob o signo dessas estruturas, se detendo em como a linguagem metodológica estruturada sob a realidade cujo grande aparato não toca a realidade desses latino-americanos. Nossa proposta é a de colocar o corpo que vivencia as mais variadas experiências do mundo como sendo útil para prover saberes, sendo tal utilização apontada pelo filósofo francês Michel Onfray em sua obra *A potência de existir* (2010, p.13) “Os que se apoiam em sua vida, nutrem com ela suas considerações e confessam inclusive dela tirar suas lições.”

Para esse modo de filosofar ser de fato bem efetivado, objetivando uma assinatura do modo como se reflete, é indiscutível observar o que poderíamos apontar como uma busca crítica dos valores engendrados no Brasil no período colonial e documentada pelos portugueses durante o século colonizador. Tais valores pregados no território “descoberto” como absolutos, necessitariam de uma negação dos valores já presentes nas culturas dos povos originários. Para tanto, a violência exploratória dos recursos retirados e uma censura cultural se mostraram como meios para o fim, a ausência de um movimento brasileiro filosófico por consequência da permanência da domesticação do pensamento psíquico-epistêmico europeu.



UMA OBSERVAÇÃO CRÍTICA SOBRE A UTILIZAÇÃO HIPERFOCAL DA METAFÍSICA E DO RACIONALISMO METODOLÓGICO SOBRE O QUE TOCA O INDIVÍDUO

Grandes volumes de escritos filosóficos constitui a filosofia acadêmica, a historicidade da filosofia, já bem enraizada com textos que se encontram em bibliotecas com público somente em datas especiais, um seminário apresentar, uma prova que requeira atenção a um capítulo, um projeto de mestrado a ser defendido, um projeto de conclusão de curso ainda sem uma forma aceita de acordo com as normas. Até esses pedidos serem feitos por professores e orientadores, os escritos filosóficos permanecem enfileirados nas estantes sem utilidade. Notamos com essa observação de fácil exame e de consternada facilidade a notoriedade do tecnicismo filosófico como instrumento utilizado apenas nos momentos em que for exigido, como nos exemplos anteriores. Ora, não sendo retirados das estantes, a não ser quando o tecnicismo filosófico é necessário, entende-se que o que se encontra fora dos trabalhos metodológicos exigidos nas academias está distante? de uma apreciação cultural e valorativa da existência, de modo que possam “desembocar”! interesse que levasse à leitura dessas obras fora das pesquisas periódicas universitárias.

Tais obras canônicas carregam, como avimos apontando, um tecnicismo da filosofia de rigor *apriorístico* que é engendrado em mundos intangíveis de racionalidades puras sem considerar as experiências, levando em consideração os conceitos, conhecimentos, um caráter puritano dado a linguagem de mundo paralela ao de um jovem brasileiro de condição social dificultosa, que possa ser levado a se interessar não por consequência da obrigatoriedade de alguma disciplina e de uma futura linha de pesquisa para sua carreira. Porém, sob a ótica da existência do mundo, a filosofia se acha em difícil acesso, não físico, mas compreensivo consequente de uma linguagem herdada e carregada de códigos particulares de um grupo, estudiosos da filosofia que por convivência tem essa linguagem já naturalizada aos ouvidos treinados produzindo trabalhos cujo os conteúdos são delineados por essa linguagem academicista que são ecoa para fora das grossas paredes institucionais onde se encontra o ciclo dos membros seletos, guardiões, desses pensamento inclinados ao dogmatismo.

Tal metodologia, de arquitetura que encastela a filosofia, onde nem todas as mãos



conseguem alcançar, colocando sob perspectivas de uso restrito, tornando como material estranha e de complexa entendimento aos que se dedicam a praticá-la, como sugere Martin Heidegger em sua obra *Serenidade* (1959, p.14) “O homem actual foge do pensamento. Objetar-se-á, no entanto, que a pura reflexão não se apercebe que paira sobre a realidade, que ela perde o contacto com o solo, não serve para dar conta dos assuntos correntes, não contribui em nada para levar a cabo a *práxis*.” A crítica heideggeriana exposta pinça o afastamento da filosofia ao se dedicar à elaboração de mundos extrassensíveis. Nessa dicotomia entre os dois mundos, um que se encontra valorado e o outro não, o sujeito identifica o modo filosófico como desse outro mundo, como expõe Heidegger na mesma obra e página já citada “a meditação persistente, é demasiado <<elevada>> para o entendimento comum”. A partir desse afastamento que se encontra no campo de tal área, concluiu-se que a falta de ouvintes, a não os pertencentes aos pares daqueles que se dedicam a compreensão dos discursos que segurando firme o manual dogmático do modo certo de filosofar, é consequência da negligência de trazer para o pensamento aquilo que está ao redor do ser humano, aquilo que é cotidiano, a realidade particular de cada um dos indivíduos.

No mesmo livro e página já citada, Heidegger direciona o leitor ao método de filosofar que se encontra em seu conceito de *enraizamento*, mas antes ele pontua “o pensamento que medita exige, por sua vez, um grande esforço. Requer um treino demorado. Carece de cuidados ainda mais delicados do que qualquer outro verdadeiro ofício”. Indo ao encontro das críticas da filosofia possuir novos ares fora da academia, pois ela tornar-se-ia vulgar Heidegger não negligência a importância e a relevância do cuidado de como se deve filosofar, de acordo com a tradição filosófica, mas sua crítica se direciona sobre o distanciamento do objeto sobre o qual se filosofa. Diz o filósofo alemão “Não precisamos, portanto, de modo algum, de nos elevarmos às (regiões superiores) quando reflectimos. Basta demorarmo-nos (*verweilen*) junto do que está perto e meditarmos sobre o que está mais próximo: aquilo que diz respeito a cada um de nós, aqui e agora” (1959, p.14).

Tomando essa proposta de uma proximidade sobre o que se filosofa, nos questionamos como identificar aquilo que realmente é brasileiro e não algo exportado/importado? e fixado no sistema de pensamento e na cultura por uma simpatia pelo estrangeiro, principalmente europeu. Mas sendo o Brasil constituído das mais variadas etnias, e com a globalização as fronteiras entre uma cultura e outra estarem mais opacas,



nos voltamos para o passado, para o período colonial, buscando identificar a cultura que foi oprimida pela europeia e como tal cultura se relacionava com o ambiente, corpo e pensamento.

A INVENÇÃO DO NOVO MUNDO POR UMA CAUSA JUSTA

Para tal observação é importante uma atenção sobre a realidade das implicações que marcavam tal período, a visão do momento histórico-cultural, econômico, político e religioso e em consonância com os contextos sobre tais marcos no social que engendraram a filosofia europeia no mundo recém-descoberto. É necessário termos atenção sobre o que poderia passar despercebido aos olhos apressados, que diz respeito a um atento cuidado e um limite a ser tomado ao escrever sobre tal período no que tange às fontes de primeira mão, as fontes que seriam os próprios colonizadores com sua visão europeia, espectadores nos momentos históricos, pois os documentos tinham como escritores os próprios jesuítas ou discentes ou aqueles de alguma forma influenciados por seu braço dominante. É notório que, não existia uma escrita brasileira em tal período, pois o conhecimento era passado de forma oral, tendo o domínio da literatura o controle dos colonizadores portugueses, assim como originalidade dos textos trazidos para o Brasil ou escritos no território pelos mamelucos que foram alfabetizados e educados com a cultura estrangeira pelos jesuítas. Tomando os motivos desses cuidados, poderíamos partir, para ficar bem delineado o momento histórico, tomar certo tempo para analisar o conceito de colônia tomando distância de idealizações da posição em que o país era colocado, como um momento de uma missão divina para “salvação” das terras selvagens feita pela coroa portuguesa, como se encontra tal justificativa para expansão territorial nas cartas de Pero Vaz de Caminha (1500) e Duarte Coelho (1542) que descrevem o território brasileiro e seus habitantes como selvagem e bárbaro que necessitaria da salvação cristã. Tendo tal qualidades apresentadas também no Tratado da Terra do Brasil de Pero de Magalhães Gandavo (1576) no qual os indígenas eram atribuídos como "selvagens" que tinham precisão de serem "civilizados". E para tal reeducação, tiveram como primeiros professores para essa “salvação” os jesuítas Padre Antônio Vieira (1608-1697) e o fundador da companhia no Brasil Padre Manuel da Nóbrega (1517-1570).



UMA COLONIZAÇÃO DO ESPÍRITO

Ao observar as razões que levaram à ocupação da posição de colonizados pelos ocupantes do território recém-invadido, temos nessa circunstância um lado que se acha na justa posição de educador com a missão de “civilizar” os povos que habitavam esse território. Isso significa afirmar que serviu aos colonizadores que, em um ato salvador, se direcionam aos que são apontados como necessitados dessa salvação. Para isso aplicam sua cultura filosófica como a verdade pura, herdada da casta intelectualidade e uma razão descida do céu, sendo imposta ao povo “beneficiado” com essa educação estratégica que facilitou a ação econômica exploratória dos recursos naturais.

Ao ter conhecimento dessa metodologia educacional domesticadora que exerceu uma ação esmagadora nos mais variados âmbitos sobre o ambiente com a exploração dos recursos que levou suas consequências aos moradores dessas terras que, aos olhos europeus, foi dada ao ser o povo Deus e por possuir o conhecimento que dariam o poder como foi apresentado pelos filósofos Francis Bacon (1561-1626) e Descartes (1596-1650) no *Discurso do método* alinhado a essa autoridade do homem colocando os colonizadores como sendo senhores e dominadores da natureza. E é a partir dessa valoração dos próprios valores que os danos acometidos, por essa certeza, atingem os variados âmbitos que sofreram violência justificada pelas razões expostas acima. Desde o físico, fauna e a flora, até os instrumentos para a vida em sua comunidade que foram destruídas nos conflitos ou levados para serem expostos no território europeu tiveram a marca do processo de colonização, assim como também a cultural.

Os colonizadores tinham como apoio o argumento de autoridade em sua posição de civilização herdeira da filosofia e dos valores cristãos, e amparados por essa visão de mundo, erguiam suas verdades únicas e válidas. Por outro lado, os colonizados que, não possuindo as verdades ou as virtudes tidas como válidas pela cultura dominante/colonizadora, receberiam a pecha de selvagem por aqueles que, se sentindo em posição superior, passaram a exercer força sobre aqueles que, nessa marcação de posição e função, tinham qualquer direito limitado pelas vontades dos colonizadores. É a partir da dualidade entre bem e mal, civilizado e selvagem, verdade e mentira, uma linguagem biunívoca do desenvolvimento filosófico sobre tais valores, que se encontra a firmeza moral dos conquistadores, pois como define Nietzsche em *Além do bem e do mal* (2017) “a crença



fundamental dos metafísicos é a *crença na antítese dos valores*".

AS CONSEQUÊNCIAS DA DOMESTICAÇÃO

Dados essas análises apresentadas até o momento, notamos que não somente a cultura sofreu graves violências por função da imposição cultural, mas também as exportações do pau-brasil e até o contrabando desse material pelos franceses, tomando a derrubada de árvores para o lucro, modificando a paisagem, pois não sendo significativa a fauna e a flora e os danos cometidos elas foram suficiente para o interrompimento do enriquecimento, que se mostrou como sendo uma das primeiras fontes financeiras, mesmo que para alcançar tal objetivo consequências, por exemplo a quase extinção do Pau-Brasil naquele território. Juntamente a essa ação, a criação de engenhos de açúcar e a criação de gado. Naquele contexto, a pecuária tornava-se fundamental para o funcionamento dos engenhos pois fornecia transporte, alimento, couro para a produção de vestimentas e móveis para o conforto dos moradores dos engenhos ou das vilas que se desenvolviam em torno deles. Para a exploração do pau-brasil, utilizado para a tintura das vestimentas dos nobres, também foram utilizados como mão de obra para o trabalho pecuário os mestiços de indígenas e negros escravizados, apresentando uma relação não só étnica como cultural, que favorecia uma aculturação da tradição e sua forma de entender o mundo a partir dica perspectiva, perdendo aspectos de rituais e modos de vida dada a nova relação com o ambiente e culturas vindas do exterior e enraizadas no Brasil dando a modelar o modo de ser e pensar a partir do modelo de sociedade civilizada a ser alcançada.

Os recursos florestais além do pau-brasil, outros como o cacau, guaraná, baunilha, plantas medicinais e aromáticas que tinham o conhecimento dos indígenas, conhecimento da mata, da região, dos modos de sobrevivência nas florestas para um empreendimento exploratório econômico. Porém, é uma característica interessante da época não somente a camada econômica, mas como também religiosa e política.

Os interesses de viés político-econômico-religioso regeram as ações da coroa portuguesa, em filiação com a cobiça do papado. Ambos, com mãos de ferro, plasmaram a subjetividade dos povos residentes na região. Tais pontos históricos favoreceram o entendimento do apontamento da existência de um modo de pensar legitimamente brasileira



no período que poderíamos mencionar como pré-colonial, seguindo o período colonial como uma repressão e iniciativa de domesticação.

Esse a domesticação epistemológica desse período ainda permanece por consequência da herança que se encontra intimamente na estrutura do modo de pensar e uma admiração pelo modelo Europeu, assim como a “comodidade” das estruturas de métodos filosóficos estrangeiros que se encontram até hoje nas instituições de ensino brasileira que corriqueiramente de forma consternante em sala de aula apontam o engendramento de uma estrutura do pensamento filosófico no país apenas com os movimentos educacionais jesuíticos no período colonial, tendo tal berço grades filosóficas europeias teológicas de tal período.

Não podendo se esquivar do caráter de tal pedagogia investida sobre os indígenas do “novo mundo”, que possuía como aparato didático a coletânea *Ratio Studiorum* que guiava os membros da Companhia de Jesus sobre a pedagogia dos “selvagens”, como uma folha, não em branco como entre outros defendia o empirismo de John Locke, mas escrita de coisas “erradas” aos olhos ocidentais, em consonância com a teologia de São Tomás de Aquino e Aristóteles dos ensinamentos católicos e seus dogmas.

Junto ao movimento religioso, as ações de colonização, a exploração que violava os recursos, naturais e culturais. Porém, essa exploração, dos recursos naturais, também atingiu aspectos culturais, pois o ambiente em que viviam e o pensamento possuíam uma relação bilateral, em que a vivência e as reflexões se imbricavam. Desse modo, com a violência cometida contra o ambiente e a escravidão que tornaram os indígenas agressores da natureza/templo, que proporcionava sua sabedoria e valores existenciais espirituais a partir dessa relação. É a partir desse ponto que podemos falar de uma dupla acreção, primeira a filosofia daquele povo sobre suas crenças e a segundo seria a material.

OS FINS... O movimento de repressão e a iniciativa de uma domesticação permanente no modo de ensino

O direito em oprimir e negar a cultura dos povos originários nos faz observar um quadro que a história nos apresenta. Aos costumes agredidos dos colonizados, que pela exploração do território invadido para o enriquecimento dos cofres da Coroa portuguesa, negando e violentando a fauna e a flora que os povos originários nutriam sua



espiritualidade/pensamento para em seguida os jesuítas erguerem sua religião e visão de ver e estar no mundo, logo como se portar nele. Para se fazer escrito tal olhar foi colocado o uso da violência que para eles era justificada, pois ao se deparar com tais indivíduos de comportamento tão contrário aos já naturais aos colonizadores poderia muito bem desvencilhar do conflito moral em matar ou não, um crime ou não, um pecado ou não, por tais dualidades estarem sobre terem ou não uma alma. Encontrando tal discurso nas cartas do padre Manuel da Nobrega escritas na primeira década de colonização. Em suas cartas Manuel da Nobrega afirmam que os indígenas possuíam alma racional, mas por não possuírem educação e não serem evangelizados eles estariam na condição de “ignorantes” e “bárbaros”.

Não se pode negar que tal suposição da alma seria um empecilho para a colonização, pois tendo a necessidade de se obter um retorno financeiro aos investimentos das navegações, recursos teriam que ser retirados dessa oportunidade para a monarquia portuguesa. Mesmo tendo uma relação de acordo com a Igreja, tais morais cristãs não teriam resquícios sobre ações dos colonizadores ao escravizar os indígenas por meio do trabalho forçado, não só desmatando a natureza, mas desrespeitando os lugares sagrados dos povos, florestas, rios, os animais, mas sendo eles, indígenas, os provocadores dessas ações por consequência do trabalho forçado, fazendo os fiéis da fauna e da flora colaboradores involuntários dessa ação.

Sobre essa sobreposição da moral religiosa dos colonizadores sobre os colonizados, por interesse econômico-político-religioso, que subjuguou o que poderíamos colocar o culto ao corpo, já que a liberdade do corpo foi engessada nos moldes da sociedade europeia cristã, sendo consequentemente a cultura-religiosa pelo corpo dos moradores das terras que absorviam a natureza que os cercavam, com suas vestimentas julgadas pela visão moralista cristã como pecado, e a intimidade dos povos originários com as ervas, as plantas frutíferas e os rios, lagos e a fauna. Ora, tais povos observavam o ambiente que os cercava e influenciava suas crenças, hábitos, enfim seu modo de viver, que dialogava com as vidas que os cercavam. Talvez possa apontar a estranheza e repúdio justamente por tal razão, e que consequente por tal forma de existência ser diferente por justamente os ambientes seguirem a mesma diferenciação, uma que relaciona e escutava o corpo frente a vida, em outro uma tradição filosófica que esmagadoramente cegava, emudecia, aleijava o corpo,



pois em longo tempo tal estrutura ganhou jargão no âmbito filosófico como enganador dos sentidos e empecilho a chegada da verdade. Desse modo, ambivalentes são a natureza de tais forma de coexistir com o corpo e o meio, sendo que os povos aqui encontrados não se furtaram de, ao contrário da carga filosófica dos portugueses racional que ignora o corpo, participar do que afirma o filósofo francês Michel Onfray em sua obra *A potência de existir* (2010): “porque todos os filósofos, sem exceção, pensam a partir da sua existência própria”. Colocar a crítica dos mundos puros e racionais valorizados pelo povo do velho mundo. Observemos um pouco mais a esse ponto deitado fora dos manuais de filosofia. Onfray faz uma lista favorável à importância do corpo em relação com a vida para filosofar.

[...] eis alguns momentos fortes: Agostinho, caso mais célebre [...] se encontra no fundo de um jardim, em Milão, quando a graça o visita - lágrimas, torrentes de lágrimas, gritos de rasgar a alma, voz vinda de além - são as próprias palavras das *Confissões* -, ao que se segue, evidentemente, a conversão ao catolicismo; Montaigne e seu tombo do cavalo em 1568, depois do que dispõe da sua teoria epicuriana da morte; Descartes e seus três sonhos, numa noite de novembro de 1619, que engrenam a gênese do racionalista (!); Pascal e sua célebre Noite do memorial entre 22h30 e meia-noite do dia 23 de novembro de 1654 - lágrimas também nesse caso...; La Mettrie e a síncope que, no campo de batalha durante o cerco de Friburgo em 1742, lhe ensina o monismo corporal; Rousseau em outubro de 1749, no caminho de Vincennes, onde vai visitar Diderot preso, que cai no chão, depois, em convulsões, descobre a matéria para o seu *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*; Nietzsche em agosto de 1881, à margem do lago de Silvaplana, onde tem a visão do eterno retorno e do Super-Homem; Jules Lequier em seu jardim de infância, quando assiste ao rapto de um passarinho por uma ave de rapina, daí se seguindo suas intuições sobre as relações entre a liberdade e a necessidade, matéria de todo o seu trabalho, como [...] [A busca de uma primeira verdade]; e tantos outros... (Onfray, 2010, p. 16-17).

Por ser a natureza o templo dos seus deuses, os indígenas tinham sua forma de reflexão esculpida justamente por tal meio, as referências e o modo de existir tinham sobre as folhas das árvores, nos rios, nos animais, no ritmo da natureza contemplada, nos rituais que foram censurados pela catequização fruto da guerra entre católicos e protestantes?!, e pela corrida por terras referente aos reinos europeus.

No que se refere a essa catequização podemos observar um movimento ardiloso ao colocar as crianças que participaram desse primeiro momento como propagadoras dos dogmas para serem repassados, por não estarem amadurecidos na religião de origem e falarem sobre os ensinamentos cristãos para seus cuidadores. Retiraram não só a identidade religiosa como o que diz respeito à vivência das crianças com a natureza, pois não estando em contato com a flora e a fauna, como apontamos anteriormente, onde estaria a fonte



espiritual reflexiva, eram catequizados sobre a fé e o comportamento dos colonizadores que tomaram sua medida como a justa a moldar o novo mundo. Tal apontamento da existência de um modo de pensar legitimamente brasileira no período que poderíamos mencionar como pré-colonial, seguindo do período colonial de repressão e iniciativa da domesticação de um modo de ser autêntico, ainda permanece por consequência da herança que se encontra intimamente na estrutura do país em diferentes cômodos como algo crônico.

A CULTURA BRASILEIRA E A PEDOGOGIA DO OPRIMIDO DE PAULO FREIRE COMO CAMINHO DE AUTENTICIDADE DO FILOSOFAR

Ao partirmos de tal herança hereditária adquirida no período colonial no Brasil, nos faz questionar, como poderíamos falar sobre a realidade do ambiente que cada brasileiro existe, lugares com suas dificuldades, injustiças, desigualdade, mas também alegria, união, esperança? Ora, é bem verdade que nas instituições de ensino médio aulas são direcionadas aos adolescentes meramente como preparatórios aos vestibulares, logo tais modo de ensino apresentam decoração de teorias, pensamentos para a melhor atribuição de nota possível. Porém, no que toca à vida, tais textos não se relacionam, ao contrário dos resultados obtidos no ambiente acadêmico, nessas intuições o nível filosófico decai, pois o intuito delas é a mera decoração.

Assim, para uma real atitude filosófica de nacionalidade brasileira poderíamos, inspirados nos moradores do pré-colonial, recuperar uma independência do modo de pensar e a partir do que nos cerca, observando o movimento do mundo em interação com o corpo para o desenvolver de uma reflexão. Para tal modo de pensar retomemos o que disse Heidegger em sua obra *Serenidade* (1959) sobre refletirmos com o que está próximo. Não poderíamos apontar uma cultura única no território brasileiro, tendo uma pluralidade chegamos à conclusão de aproximação da cultura junto à Filosofia para levá-la até as salas de aula. Tal proposta é encontrada na filosofia de Nietzsche essa ação posta em ação, encontramos em seus livros *Genealogia da moral*, *Ecce homo* e outros a cultura mesclada ao pensar que a torna mais enriquecida e próxima ao sujeito. A experiência com os alunos e suas subjetividades culturalmente construídas a partir de sua relação com o ambiente que no cotidiano ele experiência, no que diz respeito à realidade de cada um, incluindo seus



aspectos culturais engendrado a eles desde o seio familiar, poderia dialogar com a filosofia trabalhada em sala de aula junto a uma linguagem que aproximasse os estudantes da disciplina para desenvolver uma forma de pensamento com a assinatura da particularidade do país. Sendo tal método já apresentado na obra *Pedagogia do oprimido* (2005) do patrono da educação brasileira Paulo Freire, acentuando ser na comunidade, na proximidade com a cultura regional e não em uma cultura e linguagem estrangeira, afastada, teria potencial para desenvolver uma filosofia brasileira direcionada as escolas de ensino médio e aplica-la a partir de uma linguagem do cotidiano dos alunos, o modo desses discentes em ver a filosofia passaria por uma possível mudança pelo o esforço de traduzir os pensamentos dos filósofos a realidade, cumprindo a função de tradutor de uma linguagem que eles meramente aprenderiam e reproduziriam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dado esse apanhado histórico observado, apontando fatos que levaram a sermos órfãos de nossa cultura, levamos a um percurso que notamos a submissão do pensamento nacional frente a polida e tradicional filosofia Europeia. Tendo tal filosofia uma linguagem que tornasse pesada e complexa aos que, não tendo o treino que é exigido, a observa de longe, com desinteresse por justamente não ser compreensiva e não chegar ao modo e condições que se vive em um país com dificuldades de caráter próprio. Engendra nos estudantes de filosofia uma repetição do que já foi dito por esses filósofos tradicionais, tornando a filosofia estática no tempo que não para e se renova. Para tornar a filosofia novamente móvel sob a terra, uma linguagem próxima à realidade desses estudiosos deve ser apresentada no primeiro contato, no ensino médio, o mundo oferece uma estrutura epistemológica que a tradição colocada debaixo dos pés e insiste em tocar o mundo das ideias. Sendo levado aos seus alunos o conhecimento dos pensadores junto a linguagem que conhecida e experienciada na vivência enriquecedoras, possibilitando uma reflexão de “DNA” brasileiro, algo que deveria estar mesclado, como Nietzsche coloca em suas obras na qual está presente a cultura, nas mais variadas camadas no existir na comunidade frente a reflexão filosófica.



REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2005

HEIDEGGER, M. **Serenidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1959.

ONFRAY, M. **A potência do existir**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.